

Uma distinção metodológica para a conceituação do *sentido*: entre a hermenêutica filosófica e a analítica da linguagem

*Alexandre Lunardi Testa**

Resumo: O presente texto tem por objetivo apresentar duas concepções diferentes acerca da conceituação de sentido e confrontá-las a fim de esclarecer seus diferentes modelos metodológicos e objetos de estudo. O objetivo é explanar, inicialmente, a conceituação hermenêutica acerca da construção do sentido a partir da interpretação e compreensão do objeto a ser analisado, que se dá através da linguagem, mas tem caráter específico das ciências humanas. De forma concomitante é feita uma exposição do conceito de sentido para a analítica, principalmente a partir de Frege, relacionando a noção de sentido com uma metodologia mais aproximada do contexto empírico-matemático das ciências naturais. Por fim, se apresentará as divergências das diferentes concepções e se clarificará o objetivo intrínseco a cada uma. Enquanto uma relaciona-se diretamente as ciências humanas, a outra visa abordar uma concepção aproximada das ciências naturais.

Palavras-chave: Analítica. Hermenêutica. Sentido. Linguagem. Filosofia.

* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: <aleltesta@hotmail.com>.

1. Introdução

Das vertentes de pesquisa filosófica que mais se destacam contemporaneamente, sem dúvida a analítica e a hermenêutica filosófica dominam a vanguarda da metodologia. Servem de pano de fundo para as pesquisas filosóficas realizadas na contemporaneidade e apresentam-se como chave, tanto de estrutura quanto de compreensão dos textos filosóficos.

Embora os métodos sejam comuns a filosofia, apresentam características bastante divergentes e denotam visões diferenciadas sobre o objetivo da pesquisa filosófica, o que determina características dos adeptos de determinado método. A hermenêutica filosófica é adotada pelo viés continental europeu da filosofia, sendo determinante no modo de pensar dessa escola.

A filosofia continental se debruça sobre temáticas variadas, desde política até uma noção estrita de antropologia, com interface forte à ciência. Em muitos casos a metodologia dos filósofos continentais se debruça sobre o método hermenêutico de investigação. Essa hermenêutica tem seu princípio na literalidade do termo, isto é, a hermenêutica surge de fato como arte de interpretação de textos, especificamente de textos religiosos, e envolve-se com a teologia. Essa perspectiva quebrou-se ainda na modernidade com Schleiermacher¹, que adota o método hermenêutico clássico, enquanto filólogo, e desenvolve-a em protótipo como método filosófico.

Sobre Schleiermacher é interessante esclarecer que “[...] uma hermenêutica geral existiu, pelo menos, dois séculos antes de Schleiermacher oferecer sua própria concepção no início do século XIX – portanto sua reivindicação de que tal disciplina não existia anteriormente é simplesmente falsa”.² (MANTZAVINOS, 2016, p. 3, tradução nossa). Essa noção é muitas vezes ignorada pelos teóricos, o que coloca de lado boa parte da história da hermenêutica. A hermenêutica filosófica geral sim, enquanto teoria, se fundamenta a partir das anotações de Schleiermacher.

1 Friedrich Schleiermacher, filósofo, teólogo e filólogo alemão do séc. XVIII.

2 “[...] a general hermeneutics had existed at least two centuries before Schleiermacher offered his own conception at the beginning of the 19th century—so his claim that such a discipline did not already exist before him is simply false.”

A decorrência teórica do que fizera Schleiermacher fundamentou a filosofia hermenêutica de Dilthey³, passando por Heidegger⁴ e ganhando o auge com Gadamer⁵. Este último é justamente o autor que será abordado no texto que segue; em caráter mais específico, se tratará da noção de sentido que se abstrai da filosofia hermenêutica do autor. Resalta-se, aqui, que a hermenêutica é característica da análise das ciências humanas, para os seus teóricos, que afirmam a incompetência do método hipotético dedutivo das ciências naturais nesse âmbito do conhecimento, justamente por ignorar as bases histórico-culturais em suas análises, por ignorar o *mundo da vida*⁶.

Em contraparte fundamenta-se uma outra escola de pensamento, dentro da filosofia, que lida com uma noção explicitamente relacionada com as ciências empírico-matemáticas. As noções de interpretação e compreensão do mundo que se relacionam com essa corrente são estritamente divergentes da corrente hermenêutica, principalmente no que tange a conceituação de sentido, tendo em vista um autor clássico da analítica em contraparte com um clássico da hermenêutica; nesse caso, respectivamente, Frege e Gadamer.

Para a analítica contemporânea, a filosofia deve se debruçar sobre conceitos relacionados a linguagem, para tanto, a guinada linguística⁷ se apoia em conceitos lógicos precisamente definidos a partir de filósofos

3 Wilhelm Dilthey, filósofo alemão do séc. XIX, conhecido por ser membro da escola histórica, responsável por fundamentar o método hermenêutico filosófico como princípio das ciências do espírito [*geisteswissenschaften*].

4 Martin Heidegger, filósofo alemão do séc. XX. Utilizou o método fenomenológico-hermenêutico para justificar sua teoria ontológica sobre o *sentido do ser*.

5 Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão contemporâneo, expoente do método hermenêutico filosófico no séc. XX e XXI. Sua principal obra foi *Verdade e Método*, que apresenta a hermenêutica como método a fim de abarcar as questões histórico-culturais na interpretação do mundo, propondo-se mais abrangente do que o método das ciências naturais.

6 A ideia de *Mundo da Vida* [*Lebenswelt*] é uma herança da fenomenologia decorrente da teoria de Edmund Husserl. O mundo da vida é o mundo dos fenômenos em conjunto com a perspectiva subjetiva do mundo, não apenas a matematização, que se abstrai das ciências empíricas.

7 Movimento filosófico que se inicia no final do Séc. XIX e início do Séc. XX, fundamentando uma nova maneira de se pensar a filosofia a partir da linguagem, tanto em um viés analítico quanto continental.

da linguagem do início do século XX. O objetivo aqui, com a análise da linguagem, é estruturar um questionamento acerca dos fundamentos do conhecimento, isto é, da noção da possibilidade de conhecer o mundo através da linguagem. “A pergunta fundamental a que os filósofos analíticos tentam responder não é mais sobre a natureza do ser ou do conhecimento, mas sobre a natureza da linguagem através da qual falamos sobre o ser e o conhecimento”. (PINTO, 2002, p. 127).

A partir disso a própria escola analítica se fragmenta e insurge maneiras de compreender a estrutura linguística que fundamenta o método. Dessas, as principais são de ordem semântica, pragmática e sintática. No caso de Frege, a ordem semântica da linguagem explicaria a comunicação e fundamentaria a natureza do conhecimento humano.

Quanto a Frege, se objetivo é estabelecer os parâmetros de uma linguagem logicamente perfeita, capaz de expressar de maneira adequada as relações entre as entidades matemáticas. Para tanto, ele dissecou sistematicamente as expressões da linguagem natural, tentando explicitar sua forma lógica profunda. (PINTO, 2002, p. 128).

Essa noção de linguagem perfeita é o que constitui um princípio analítico da filosofia a partir de um dos expoentes da área: Gottlob Frege⁸.

Diante dessa introdução, o que se pretende mostrar nas seguintes páginas deste texto é a distinção entre a conceituação do sentido, em termos gerais, entre a filosofia hermenêutica e a filosofia analítica, a fim de esclarecer os pontos que colidem a partir das diferentes percepções do termo.

A partir disso se iniciará a exposição da conceituação de sentido para as diferentes correntes filosóficas, a fim de esclarecer o que cada uma tem como objeto e finalidade e confrontar as perspectivas. No final se elucidará a partir das diferentes formas de abordagem até a concepção particular de cada uma sobre as diferentes áreas de atuação.

8 É importante distinguir o autor, pois nem todos os analíticos pensam exatamente da maneira de Frege, entretanto, o próprio Frege é importante no florescer de uma noção analítica da linguagem, e é influência forte para o *Círculo de Viena*.

2. O contraste nas concepções de *sentido* entre a Hermenêutica e a Analítica

A concepção gadameriana, e consequentemente hermenêutica acerca do sentido se faz a partir de um conceito chave e bastante difundido na hermenêutica; a compreensão. Isto é, é impossível tomar um sentido sem a compreensão, e a compreensão necessita de uma contextualização metodológica a partir da interpretação. Isso é o que dá vazão para a tomada hermenêutica enquanto método de análise filosófica.

Não diferente é a perspectiva analítica da filosofia de Frege, que relaciona diretamente a noção de sentido com o âmbito do nome, em uma instância primeira, e da referência, em um terceiro momento, sendo o sentido um intermediário entre o nome e a referência do objeto no mundo.

Diante dessa primeira abordagem já se deduz uma diferente concepção entre os autores, quando a isso expõe Azevêdo (2007, p. 38):

As possíveis dissimilaridades de perspectivas, problemas e abordagens da moderna filosofia analítica e da hermenêutica filosófica deve-se não somente a tradições nacionais, mas aos diferentes problemas e perspectivas de abordagem. Se de um lado a filosofia analítica do significado parte da semântica lógica de uma linguagem ideal, terminando por desenvolver uma semântica e uma pragmática da linguagem natural, a hermenêutica moderna, por outro lado, parte de uma metodologia da interpretação histórico-filológica, resultando por fim numa filosofia quase-transcendental da compreensão comunicativa.

Portanto, as diferentes concepções filosóficas também levam a diferentes lugares, enquanto uma segue um caminho ontológico, a outra pega um viés epistêmico, o que determina e caracteriza muito do pensamento das diferentes correntes teóricas. A hermenêutica se vincula mais ao âmbito ontológico e interpretativo, enquanto a analítica se aproxima da concepção científica e matemática das ciências empíricas.

A concepção central dos métodos é bastante divergente no tocante aos objetivos finais. Com a hermenêutica de Gadamer, o foco se torna em fundamentar uma filosofia primeira, com a interpretação postando-se anteriormente ao conhecimento científico, o que esbarra com a visão

do círculo analítico, que tem o objetivo de tornar a própria filosofia uma ciência a partir da lógica.

Quanto a noção de sentido, a hermenêutica atua, não obstante, de forma divergente ao método de análise analítica. O sentido das coisas é constituído a partir da apreensão e interpretação;

A compreensão linguística só é possível no meio envolvente do mundo da experiência e da compreensão, no qual a coisa se mostra a mim. Contudo, a coisa mesma não é “dada” imediatamente sem mediação linguística. É precisamente pelo enunciado linguístico que ela se mostra, retorna acessível à compreensão e aberta em seu sentido. (CORETH, 1973, p. 54).

Tal trecho indica que a noção de sentido é constituída, portanto, de uma base interpretativa, tão logo que a compreensão permanece aberta em sentido. O sentido é fruto de um movimento que depende de instâncias subjetivas, é um movimento particular que relaciona a linguagem, os falantes e a compreensão subjetiva. O sentido é uma instância final do movimento hermenêutico.

O sentido se constrói concomitantemente em uma circularidade entre o que é dado pelo objeto e a interpretação linguística do ser humano. Assim, explana Coreth (p. 54, grifo nosso), em que: “A compreensão linguística [...] exige o olhar para a coisa; esta, porém, em si mesma será aberta pela linguagem. *A compreensão da coisa e a compreensão da linguagem condicionam-se e determinam-se mutuamente; uma coisa apresenta-se mediada pela outra.*”

Esse movimento interpretativo, portanto, não permite apenas compreender o objeto e seu enunciado, mas também o *outro* com quem se dialoga. Essa compreensão pessoal é justamente a vivência em um sentido mais pragmático. No que tange à compreensão lógica, é apenas o enunciado bruto, em que o contexto não importa; é a literalidade do enunciado. Essa é uma das críticas do modelo hermenêutico, que constituiu uma das divergências nas concepções.

Em se tratando de uma dinâmica do sentido na analítica, a concepção é estritamente diferente, sendo fundamentada por uma adoção da lógica como metodologia para se atingir a análise do discurso, e também do conhecimento. Enquanto as verdades e o próprio conhecimento assu-

mem uma carga um tanto relativa⁹ na concepção hermenêutica, na analítica a concepção é cerrada em uma ordenação de caráter lógico, no intuito de tornar científica a compreensão do mundo através da linguagem.

Essa noção analítica é bem representada através de um de seus expoentes; Gottlob Frege, que na virada do Séc. XIX para o Séc. XX estuda a linguagem de um ponto de vista lógico, e sua teoria acaba fundamentando uma parte da noção analítica de compreensão da realidade. Esse filósofo aproxima sua teoria lógica em relação a linguagem. Em *Sobre o sentido e a referência*, um breve artigo escrito por Frege, há a elucidação de alguns pontos concernentes a visão analítica do autor frente a linguagem.

Frege inicia o texto conceituando nomes próprios, que são aqueles remetentes a um único objeto, remete apenas a um particular. Utiliza-se da noção de identidade dos nomes para estabelecer uma relação entre sentido e referência. A questão proposta é a de haver possibilidade de dois nomes próprios, distintos entre si, referirem-se ao mesmo objeto.

Aqui talvez se faça importante definir os lugares tanto da referência quanto do sentido, assim a explanação poderá se utilizar de tais termos. Para o lógico, referência é aquilo que corresponde ao objeto, aquilo que se está querendo nomear. Enquanto sentido é o modo de apresentação do objeto, remetendo, muitas vezes, a uma perspectiva platonista.¹⁰

Indo um pouco além, dentro da teoria de Frege, há nomes que possuem apenas um sentido e não possuem uma referência, disso é possível conotar o sentido sem denotar a referência, também se pode conotar sentidos diferentes e se denotar a mesma referência. Quanto a isso afirma Zalta (2016, p. 39, tradução nossa) que

9 É importante salientar que a relatividade da hermenêutica não supõe uma abertura total de interpretações e validações da verdade. A relatividade é na compreensão e interpretação, que tem um padrão enquanto tronco comum da realidade. As pessoas compreendem e interpretam de forma diferente as diferentes situações, e isso só indica uma particularidade de compreensão, não exclui uma linearidade do pensamento, de ideologias e mesmo da ciência empírico-matemática, que se fundamenta por leis e se envolve em uma metodologia divergente.

10 Com suas devidas considerações. Esse mundo fregeano refere-se exclusivamente a conceitos linguísticos, nesse sentido pode se aproximar da teoria platônica a partir da concepção da teoria das formas proposta por Cornford e Soares, por ex., que tomam a teoria das formas, a partir do diálogo *Parmênides*, como uma estrutura conceitual que permanece nesse mundo, e não duplica-o ontologicamente.

O sentido de uma expressão é responsável por sua significação cognitiva – esse é o caminho pelo qual cada um concebe a denotação do termo. A expressão ‘4’ e ‘8/2’ possuem a mesma denotação mas expressam diferentes sentidos, diferentes maneiras de conceber o mesmo número. As descrições ‘a estrela da manhã’ e ‘a estrela vespertina’ denotam o mesmo planeta, nomeado Vênus, mas expressam diferentes maneiras de conceber Vênus e, portanto, têm diferentes sentidos.¹¹

Além disso, objetos sem referência ainda possuem sentido, justamente por conta de o sentido ser o mediador epistêmico da teoria de Frege. Tão logo pode-se pensar *papai noel*, mesmo sem poder apontar sua existência real, sem apontar sua referência. O mesmo ocorreria com heterônimos, quando diferentes nomes conferem o mesmo resultado final.

É visível a partir deste autor da analítica uma concepção mais fechada e restrita acerca da conceituação de significado. Existem, sim, diferentes noções dentro da própria analítica, tanto quanto da hermenêutica, que levam a concepções diferentes das acima demonstradas. Entretanto se faz interessante demonstrar as características que definem a ordem metodológica dos diferentes âmbitos. Enquanto a analítica, em sua visão mais fechada, matematiza a linguagem e o próprio mundo a fim de explicar como se dá a nomeação, ou como se atinge o mundo através da linguagem.

Em contrapartida a perspectiva analítica, a hermenêutica filosófica assume uma postura mais focada em uma ciência que leva em consideração o movimento histórico da humanidade. A concepção de sentido aqui não é fechada, ela necessita de uma abertura justamente por conta do interpretador possuir uma visão diferente dos outros interpretadores. A construção do sentido é mediada por *n* instâncias que atuam concomitantemente à esfera humana do conhecimento. Em termos gerais, as concepções colidem em sua formatação metodológica inicial.

11 "The sense of an expression accounts for its cognitive significance - it is the way by which one conceives of the denotation of the term. The expressions ‘4’ and ‘8/2’ have the same denotation but express different senses, different ways of conceiving the same number. The descriptions ‘the morning star’ and ‘the evening star’ denote the same planet, namely Venus, but express different ways of conceiving of Venus and so have different senses."

3. Considerações finais

Seria totalmente injusto arrastar uma conclusão em que aparta as diferentes áreas em suas metodologias sem explicar de forma concisa esse afastamento. Essa diferente visão de mundo é totalmente justificável. É exatamente essa divergência que causa alguns problemas na compreensão interdisciplinar, que são clarificadas a partir da compreensão do âmbito de atuação das diferentes metodologias.

O próprio Gadamer, quando fundamenta sua teoria a partir do texto *Verdade e Método*, tem por objetivo, no fundo, indicar que o método das ciências naturais [*naturwissenschaften*] não é compatível com o objeto de estudo das ciências do espírito [*geisteswissenschaften*].

O que se recusa em Gadamer, afinal, é a preeminência do método, surgido e adotado no âmbito das ciências da natureza, em outros campos disciplinares. Ora, essa recusa faz-se segundo a premissa de que todo método é obrigatoriamente precedido, em primeiro lugar, por um dado aprendido linguístico que o seleciona e, a seguir, por um ajuizamento o adota. Todo fato, dado a conhecer, não se separará jamais de sua interpretação, e essa não é somente uma explicação ‘científico-objetiva’ daquele. [...] O que Gadamer está buscando em *Verdade e método* é justamente responder, no interior da filosofia, até onde o método é uma garantia de verdade (VELOSO, 2002, p. 105).

Nesse caso, o método das ciências naturais é incapaz, segundo os hermenutas, de atingir uma consistência no âmbito das ciências humanas, pois ignoram uma esfera do conhecimento ligada a subjetividade. Isso justamente é o que caracteriza o humano e o seu estudo; a sua capacidade subjetiva de interpretar e verificar o mundo de forma diferente de outrem.

No que tange ao método analítico de concepção linguística e a sua relação com o mundo, o método não deixa de ser verdadeiro e ter uma concepção matematizada da realidade. O objetivo semântico de Frege, por exemplo, não é o de analisar a subjetividade da linguagem, é o de conceber uma estrutura formal que relacione-a com o mundo. Não obstante até mesmo a concepção linguística semântica é criticada e reformulada pelos analíticos da pragmática, que consideram aspectos mais relativos da linguagem e abrangem uma área maior.

Quando em conjunto, a semântica e a pragmática explicam consistentemente o funcionamento linguístico e a determinação dos objetos. Entretanto não se detém a explicar a subjetividade do pensamento, as formas de conceber as diferentes culturas em seus diferentes tempos, embora haja algum esforço para, com as quebras de implicatura no intuito de explicar um uso prático da língua formulado por Grice, dentre outros muitos exemplos.

Com isso se concebe a distinção entre os objetos de estudo das diferentes metodologias filosóficas, sem que elas sejam mutuamente excludentes. Há ainda quem se coloque a fazer aproximações, normalmente relacionando a hermenêutica e a pragmática, como no fato de que

A linguagem comporta-se como um jogo no qual se deve dar atenção ao sentido funcional das palavras. A linguagem é linguagem quando é um puro *actus exercitus*, vale dizer, quando ela empenha-se em tornar visível o que é dito, desaparecendo ela mesma como era. (AZEVEDO, p. 40, 2007).

Mas esse é um assunto particularmente diferente do aqui abordado e serve de guia para estudos futuros.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, E. A. A linguagem na hermenêutica e na filosofia analítica. Recife: *Perspectiva Filosófica*, v. 1, n. 27, jan.-jun. 2007.

CORETH, E. *Questões fundamentais de Hermenêutica*. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

MANTZAVINOS, C. *Hermeneutics*. Londres: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <plato.stanford.edu/archives/fall2016/entries/hermeneutics/>. Acesso em: 20 out. 2016.

PINTO, P. R. M. O método analítico em filosofia. In: BRITO, E. F.; CHANG, L. H. (Orgs.). *Filosofia e método*. São Paulo: Loyola, 2002.

VELOSO, R. C. L. A questão do método na hermenêutica filosófica de H.-G. Gadamer. In: BRITO, E. F.; CHANG, L. H. (Orgs.). *Filosofia e método*. São Paulo: Loyola, 2002.

ZALTA, E. N. *Gottlob Frege*. Londres: The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2016. Disponível em: <plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/frege/>. Acesso em: 20 out. 2016.